

Quinta-feira, 15 de Março de 1956

RUBEM BRAGA

PRAIA

PASSAMOS apenas algumas horas em Cachoeiro — o sol bate implacável, o calor é bárbaro — e descemos para Maratáises no carro de um amigo. Antigamente para ir à Barra do Itapemirim a gente devia tomar um rebocador (havia dois, o «São Luís» e o «São Simão») e descer o rio. Depois veio a estradinha de ferro. Agora a viagem é muito mais rápida, pela rodagem. A construção de uma nova e enorme fábrica de cimento em Cachoeiro, que será a maior do país, fará com que se pavimente a estrada e se construa o porto da Barra, para dar saída econômica ao produto. A Barra e Maratáises acabarão por ser uma coisa só. Muitas casas de Maratáises começam a ser construídas para o Norte, e na Barra, entre a cidade e o campo de pouso, Chico Nobre me leva para ver um loteamento esplêndido, em uma praia de areias negras. Já se iniciou ali a construção de um hotel que no lugar de apartamentos terá dezenas de casinhas.

Sinto a transformação: Cachoeiro que era tão interior, tão fluvial e que existe onde existe porque era até ali que se podia navegar o rio, Cachoeiro, cidade de origem «mcoronga», passará a ser também «maratimba», com uma praia fresquíssima a meia hora do centro.

A construção da ponte sobre o Itapemirim entre a Vila e a Barra, ponte que deve ser iniciada já e já, virá valorizar as praias ao norte da Barra. Já temos no Espírito Santo uma incipiente e modesta «Costa Azul» com seu ponto mais lindo em Guarapari. Isto será em pouco tempo um colar de praias. Não há homem de alguma posse no interior do Espírito Santo — e muito frequentemente na Zona da Mata mineira — que não sonhe com sua casinha na praia, onde a areia radioativa dá saúde e os ventos alíseos fazem do verão uma delícia. Mas penso principalmente em Cachoeiro, que acabará tendo seu aeroporto junto do mar.

Saimos para pescar no barco de João Viana; contemplando lá de fora o casario branco de Maratáises, penso na pracinha humilde que eu conheci menino: algumas poucas dezenas de choças de barro e palha. Meu pai foi dos primeiros a vir, e depois nunca deixou de voltar todo ano; levantou sua casa bem junto do mar, fazia questão de comer na sala com a porta aberta para a varanda, diante das ondas. Aqui ele era feliz.